



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

Instituto de Matemática, Estatística e Física – IMEF

Curso de Licenciatura em Ciências EaD

Trabalho de Conclusão de Curso



MÚSICA PARA A PROMOÇÃO DAS DISCUSSÕES SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL E DIVERSIDADE DE GÊNERO: UM ARTEFATO CULTURAL PONTENTE PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS.

Autor: Yuri Duarte de Araujo¹

Orientadora: Joanalira Corpes Magalhães²

Coorientadora: Fabiani Caseira³

Resumo: O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo investigar as temáticas de diversidade sexual e diversidade de gênero a partir dos seguintes artefatos culturais: Música e vídeo clipe “De Toda Cor” de autoria do cantor e compositor Renato Luciano e o vídeo clipe da música ‘Filhos do Arco-Íris’ de autoria de Rick Bonadio cantada por diversos artistas como: Preta Gil, Pablo Vittar, Kell Smith, entre outros. Assim através de alguns entendimentos do campo dos Estudos Culturais, buscamos tecer a análise destes artefatos culturais. Nas análises encontramos algumas referências de diversidade sexual e de gênero. Através dos excertos e imagens da música e vídeo clipe “De Toda Cor” foi possível perceber de forma simbólica o conceito de diversidade, visualizar a presença de marcadores de gênero, construções de gênero como também a presença de outras identidades sexuais presentes no vídeo clipe “Filhos do Arco-Íris”. Desse modo trouxemos nas análises algumas discussões a serem propostas ao ensino de Ciências para desmistificarmos algumas concepções errôneas estabelecidas pela sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Diversidade sexual. Diversidade de gênero. Música. Artefato Cultural

1 Introdução

O encontro com o tema deste Trabalho de Conclusão de Curso emerge das minhas⁴ vivências e experiências enquanto aluno da educação básica. Nessa posição de sujeito, vivenciei comportamentos de agressão, violência e exclusão por não corresponder a um comportamento relacionado ao padrão heteronormativo instituído socialmente.

Hoje como aluno do curso de Licenciatura em Ciências e a partir de experiências produzidas e leituras realizadas ao longo do período acadêmico percebi que a figura do/da/de professor/a/e passou a ser além daquela que promove práticas apenas

¹ Estudante do Curso de Licenciatura em Ciências. Universidade Federal do Rio Grande - FURG. E-mail: yuriduarte.furg@gmail.com.

² Doutora em Educação em Ciências. Professora do Instituto de Educação na Universidade Federal do Rio Grande – FURG. E-mail: joanaliramagalhaes@gmail.com.

³ Doutoranda em Educação em Ciências: química da vida e saúde. Universidade Federal do Rio Grande-FURG. caseiraff@gmail.com

⁴ Introdução escrita na primeira pessoa do singular pois se trata de vivências pessoais do pesquisador Yuri Duarte.

relacionadas a conteúdos prescritos em um currículo, mas também como mediador/a/e de conflitos e promotor/a/e de espaços de debate sobre questões relacionadas ao gênero e sexualidade, com vistas à prevenção e minimização de preconceitos, discriminações e violências e promovendo a diversidade e respeito as diferenças.

Neste sentido, a escola é um espaço potente para a promoção dessas discussões e construção de saberes e entendimentos sobre questões de gênero e sexualidade principalmente por ser um lugar de convívio e encontro com as diferenças. Assim tais discussões são de extrema importância nesse ambiente de ensino, pois poderá proporcionar a cada estudante em formação, consciência crítica e menos preconceituosa em relação as diversidades.

Uma das atribuições do/a/e professor/a/e nesse espaço de ensino é fazer que os alunos/as/es reflitam sobre o preconceito, intervenções como, discussões abertas entre os/as alunos/as/es e o/a professor/a/e, sem ofender e julgar aqueles/as que cometem atos de intolerância, mostrar boa argumentação e fazer com que as pessoas que cometem hostilidades percebam que o quanto são ingênuas ou ideologicamente conduzidas ao reproduzir o que a própria sociedade reproduz, e a partir daí sensibilizar o/a aluno/a/e ao caminho do respeito mútuo. (REIS, 2016).

Assim, o debate e a visibilidade das discussões referentes às temáticas da diversidade sexual e diversidade de gênero na educação são de extrema importância para promoção da cidadania e respeito à diversidade, para a atuação nos diferentes espaços sociais. Tais debates podem ser promovidos através de diferentes materiais e estratégias. Entre estes destacamos o uso dos artefatos culturais, tais como series, filmes, desenhos, músicas, entre outros, afinal “são produtos culturais de ampla difusão e fazem parte do cotidiano da maioria dos sujeitos na contemporaneidade, através dos dispositivos móveis, as acessam de forma rápida, gratuita e individual”. (AMARAL; CASEIRA; MAGALHÃES, 2017, p.121-122).

Neste sentido, através deste Trabalho de Conclusão de Curso, tenho como objetivo investigar as temáticas de diversidade sexual e diversidade de gênero a partir dos seguintes artefatos culturais: Música e vídeoclipe “De Toda Cor”⁵ de autoria do cantor e compositor Renato Luciano e o vídeoclipe da música “Filhos do Arco-Íris”⁶ de autoria de Rick Bonadio cantada por diversos artistas como: Preta Gil, Pablo Vittar, Kell Smith, entre outros.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FTU5NYUxZ14>

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K7CzgQtsPz4>

Por este viés, tenho como objetivos específicos: discutir algumas potencialidades desses artefatos para promoção dessas temáticas no ensino de Ciências e problematizar algumas pedagogias culturais presentes nesses materiais para promoção das discussões sobre o respeito a diversidade sexual e de gênero.

Por tanto o Trabalho de Conclusão de Curso foi organizado da seguinte forma: Neste momento apresentamos a introdução do trabalho e os caminhos que possibilitaram a construção da pesquisa. No segundo momento, será apresentado o referencial teórico da pesquisa que nos auxiliou a pensar as metodologias para produção e análise dos dados. No terceiro momento, análise dos dados e algumas considerações que pudemos tecer até o momento referente às temáticas de diversidade sexual e de gênero em artefatos culturais, refletindo a cerca de algumas abordagens dessas temáticas no ensino de ciências

2. Referencial teórico

Em nosso cotidiano⁷, percebemos cada vez mais presente nas mídias às temáticas de gênero e sexualidade conforme podemos analisar nas reportagens listadas a seguir. “O que é identidade de gênero? Como isso impacta na vida das pessoas? “. “Maioria diz que gênero e sexualidade devem entrar no currículo escolar, diz pesquisa encomendada pelo MEC”⁸, e “STF declara inconstitucional lei que vetava discussões sobre gênero e sexualidade em escolas de Palmas”⁹, dentre outros títulos de reportagens que circulam nas mais diferentes mídias sociais como: *Facebook*, *Twiter* e *Instagram*.

Muitas vezes essas reportagens acabam sendo polarizadas em diferentes espaços sociais, como na família, no mercado de trabalho e inclusive em comentários nas diferentes mídias que esses materiais circulam. Essas discussões também chegam ao espaço da escola polarizada através dos/das/des alunos/as/es e assumem discursos de ódio, violência e preconceito. Nesse sentido, percebemos a importância de debater essas temáticas dentro do espaço da escola a fim da promoção das discussões da diversidade e respeito às diferenças. Deste modo é definido diversidade sexual como um conjunto de sexualidades ou forma do sujeito se relacionar com o próximo.

⁷ Referencial teórico escrito na primeira pessoa do plural pois, a escrita foi desenvolvida juntamente com as pesquisadoras Joanalira Magalhães e Fabiani Caseira.

⁸ Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/11/17/o-que-e-identidade-de-genero-como-isso-impacta-na-vida-das-pessoas.htm>

⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2020/09/03/stf-declara-inconstitucional-lei-que-vetava-discussoes-sobre-genero-e-sexualidade-em-escolas-de-palmas.ghtml>

Neste trabalho entendemos diversidade sexual e diversidade de gênero como múltiplas formas do sujeito manifestar suas características, particularidades, traços de masculinidade e feminilidades, sua afetividade e desejos por quem o sujeito se sente atraído, ou seja, formas de como o sujeito manifesta sua identidade e sua forma de se expressar perante a sociedade.

Nesse sentido, é primordial que este tema seja discutido no ambiente escolar, a fim de que possamos formar cidadãos críticos, argumentativos com vistas à minimização dos preconceitos. De acordo com Josué Júnior em seu artigo publicado na revista Educação Pública:

A violação de direitos humanos tem sido bastante recorrente no ambiente escolar, sobre tudo em relação à perspectiva de diversidade sexual, são inúmeras práticas de violência que professores e demais profissionais nas escolas testemunham e inúmeras vezes o silêncio tem sido um aspecto marcante que evidencia uma prática recorrente que se manifesta em diversas formas. (JÚNIOR, 2015, p. 04)

Frequentemente é visto por alunos/as/es e professores/as situações de preconceito e discriminação de caráter homofóbico e transfóbico pelo fato de sujeitos homossexuais e transgêneros não corresponderem aos padrões heteronormativos presentes na sociedade. Atos ocorridos como preconceito e discriminação contra esses sujeitos, algumas vezes não são visibilizados e problematizados no ambiente escolar, por diferentes motivos a situação por vezes é ignorada, deixada de lado como se fosse uma simples brincadeira, entre outros motivos. Neste sentido, percebemos o quanto é fundamental que tais fatos não sejam negados, que sejam reconhecidos e trabalhados, tanto em discussões pessoais como em momentos coletivos, a partir de situações ocorridas no ambiente escolar. (CANDAUI, 2010)

Sobre esta situação, o silêncio pode remeter omissão à existência do desrespeito às diversidades sexuais e de gênero, o que torna o espaço de ensino e formação exposto as mais diversas expressões de preconceito e discriminação. Em alguns casos “o que caracteriza este silêncio perante a essa situação é o despreparo e as dificuldades que o/a/e professor/a/e e demais profissionais apresentam ao trabalharem sobre gênero e sexualidade com seus alunos/as/es, seja por fatores religiosos, falta de informação ou até mesmo preconceito”. (LUZ, CARVALHO et al, 2009, p. 38)

Conforme o pesquisador Fernando Seffner:

Dessa forma, decidir pela não inclusão de temas em gênero e sexualidade no percurso escolar, reservando a abordagem de tais temas como exclusividade da família ou das religiões, retira questão de absoluta relevância do cotidiano escolar e das possibilidades de aprendizagem. Assumimos, aqui, que se aprende sobre gênero e sexualidade, se aprende a conhecer o próprio corpo e seus desejos eróticos, se aprende a respeitar – ou não – orientações sexuais diferentes da nossa e modos de viver o gênero que não são aqueles

que guiam nossas vidas, se aprende a reconhecer um assédio moral, ou a fazer um assédio moral. O ambiente escolar é absolutamente generificado, e as tradicionais duas filas para ingresso na sala, os banheiros escolares divididos, as aulas de Educação Física separadas entre meninos e meninas são apenas uma pequena amostra, a mais visível, dessa generificação. (SEFFNER, 2020, p. 03)

Por este viés, é fundamental que, em meio às dificuldades o/a/e professor/a/e se mantenha atualizado e que participe de formações continuadas que permita a compreensão da importância de se trabalhar estes temas em sala de aula e que a escola venha contribuir para uma educação que garanta os princípios básicos, com garantias a igualdade de direitos e o exercício da cidadania.

No entanto, a fim de respaldar tais discussões sobre diversidade sexual e diversidade de gênero no espaço da escola, é necessário buscar alguns documentos legais, os quais legitimam tais discussões e nos amparam frente aos ataques que muitas vezes ao trabalhar essas temáticas enfrentamos.

As Competências Gerais Da Educação disponíveis na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nos asseguram uma educação básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio) alinhada e articulada com a construção de conhecimentos e habilidades na formação e agregação de valores, (BRASIL, 2018) aos sujeitos, tais como respeito ao próximo independentemente de cor, raça, gênero e sexualidade, empatia, liberdade de expressão e livre arbítrio. Assim como também a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, *Artigo 3º* de 1996 acrescenta que estes princípios devem basear o ensino ao respeito à liberdade e apreço ao respeito, a gestão democrática e a vinculação entre a educação escolar e as práticas sociais (BRASIL, 1996). Nesse sentido, percebemos através da LDB e a BNCC que tais documentos buscam que o ensino deve ser baseado ao respeito as identidades e do sujeito, seja ela cultural, étnica, sexual e de gênero, priorizando o respeito a diferenças e as diversidades de sujeitos existentes no ambiente escolar.

Além destes documentos, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 elenca os princípios fundamentais, destacamos o inciso IV do *Artigo 3º* da constituição: “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. (BRASIL, 1988, art. 3º).

A partir da Constituição de 1988, vemos relevância da abordagem dessa temática nas aulas, como uma a possibilidade de construção de potentes espaços de debates para promoção de desconstruções de conceitos preconceituosos e discriminatórios contra identidades dos sujeitos, seja por identidade de gênero, sexual, étnica e cultural.

Partindo dos documentos apresentados acima, ambos defendem o ensino estabelecido com base nos princípios de igualdade, pluralismo de ideias com incentivo ao respeito às diversidades humanas, abrindo portas para que temáticas de diversidade sexual e diversidade de gênero sejam discutidas ao longo das etapas do Fundamental e Médio concedendo autonomia aos/as/es professores/as para que desenvolvam atividades e debates no ensino de todas as áreas para que possa garantir uma sociedade plural.

Neste sentido percebemos que BNCC, oferece também sustentação de que o ensino de Ciências é um dos espaços adequado para realização de debates e discussões que envolvam corpos, gênero, sexualidade e diversidades ultrapassando a ideia padrão que temáticas de sexualidades estariam ligadas apenas em discursos sanitários de prevenção a doenças sexualmente transmissíveis omitindo outras questões que poderiam ser viabilizadas no ensino de Ciências (DUARTE, 2014).

Deste modo a BNCC nos permite abrir brechas para que essas discussões sejam abordadas em todos os níveis de ensino, como por exemplo, no 7º ano do ensino fundamental em uma aula de anatomia na disciplina de Ciências, onde o/a/e professor/a/e aborda diversos assuntos ligados a organização e morfologia do corpo humano podendo trazer em pauta a diversidade de corpos biológicos com seus múltiplos marcadores de gêneros e sexualidades contrária aos padrões sociais.

Assim, podendo ser evidenciado que cada sujeito constrói sua própria identidade perante a sociedade através de suas particularidades, vivências e experiências adquiridas ao longo de sua formação, enquanto ser humano que possui afetividades e desejos por quem sente atraído afirmando que tais diversidades existentes no ambiente escolar e na sociedade devem ser respeitadas.

O documento traz como discussão de que é essencial que os sujeitos “aprendem sobre si mesmos”, mostra que os anos finais do ensino Fundamental, (6º ao 9º ano) os debates e discussão sobre gênero e sexualidades sejam ampliadas para que os estudantes tenham compreensão sobre a organização de seus corpos e “que tenham condições de assumir o protagonismo na escolha de posicionamentos que representem autocuidado e respeito com seu corpo e respeito com o corpo do outro”. (BRASIL, 2018)

Neste contexto, para que possamos romper barreiras de preconceito, ódio e discriminação é necessário que o/a/e professor/a/e adote práticas e metodologias educativas para a minimização dos preconceitos a fim de mostrar que as diferenças estão em todos os espaços. Por este motivo, diálogos e ações educativas são de suma

importância para que o respeito esteja entre os princípios básicos para o bom convívio social.

Para a promoção desse diálogo e ações educativas em sala de aula sobre essas temáticas, professores/as tem utilizado algumas vezes artefatos culturais, Caroline Amaral, Fabiani Caseira e Joanalira Magalhães (2017) mostram em um capítulo de livro intitulado *“Artefatos culturais: pensando algumas potencialidades para discussão dos corpos, gêneros e sexualidades”* a utilização desses materiais como uma potente ferramenta de uso pedagógico, segundo as autoras, “os artefatos culturais, produzem significados que interpelam os sujeitos, pois neles propagam valores, costumes, verdades de uma sociedade”. (AMARAL; CASEIRA; MAGALHÃES, 2017, p.126).

Deste modo, através de um olhar mais atento as possibilidades de ensino, percebemos a música como um potente artefato cultural a ser utilizado no ensino de Ciências podendo conduzir discussões acerca de temáticas de gênero e sexualidades. Raquel Quadrado e Fabiana Stein (2019) destacam as músicas como artefatos culturais que fortalecem o conhecimento científico enfatizando esses artefatos como elementos culturais de aprendizagem propícios para serem usados no ensino de Ciências auxiliando os sujeitos em reflexões sobre “valores, padrões e regras”. No estudo citado no parágrafo anterior, as autoras Caroline Amaral; Fabiani Caseira; Joanalira Magalhães (2017) destacam que por meio de suas letras, as músicas podem ser introduzidas em sala de aula como uma maneira de desencadear debates sobre as diversidades e respeito as diferenças.

Conforme Quadrado e Stein:

Aproveitando-se da facilidade com que a música é assimilada pelas pessoas, pode-se fazer uso desse recurso, associando-o com o conteúdo disciplinar, de forma prazerosa. As músicas fazem parte do nosso cotidiano, traduzindo sentimentos, situações, informações acerca dos seres vivos, dos processos científicos e dos espaços em que vivemos. (QUADRADO, STEIN, 2019 p. 01)

Neste sentido, os artefatos culturais apresentados a seguir, possibilitam auxiliar os professores/as no desenvolvimento de discussões, e ampliar reflexões dos/as/es alunos/as/es que possam promover o respeito às diversidades, sendo uma potente metodologia estratégica que favorece o debate sobre o incentivo a cidadania e os princípios da igualdade e diversidade.

3. Metodologia

O Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo investigar as temáticas de diversidade sexual e diversidade de gênero a partir dos seguintes artefatos culturais: Música e videoclipe “De Toda Cor” de autoria do cantor e compositor Renato Luciano e videoclipe da música “Filhos do Arco-Íris” de autoria de Rick Bonadio cantada por diversos artistas como: Preta Gil, Pablo Vittar, Kell Smith, entre outros. Por este viés nossas análises percorrem sob o campo dos Estudos Culturais (EC), como proposta de metodologia análise cultural, investigando significados presentes nos artefatos com relação às temáticas de diversidade sexual e diversidade de gênero com representações sociais encontradas na análise com intuito de pensar nas potencialidades desse material para a promoção das discussões sobre diversidade sexual e diversidade de gênero no ensino de ciências.

Deste modo a justificativa de escolha dessas músicas baseia-se em seu conteúdo áudio visual, como imagens de representações a diversidade sexual e diversidade de gênero e significados transmitidos por suas letras que nos permite reflexões sobre respeito a essas diversidades. Por este viés foi possível a escolha da música “De toda Cor”, lançada em 2017 de autoria do cantor e compositor Renato Luciano com participações de artistas renomados como: Ney Matogrosso, Paulinho Moska, Zeca Baleiro, Oswaldo Montenegro, Emilio Dantas, Laila Garin, Elisa Lucinda e Léo Pinheiro. A música se encontra disponível em plataformas digitais, como: *Spotify*, *Youtube Music* e *Deezer* e foi incluída na trilha sonora da Novela “A força do Querer” exibida pela Rede Globo de Televisão em 2017 (Canal Aberto), reprisada em setembro de 2020 a fevereiro de 2021, no horário das 21h00min às 22h30min pela emissora.

A música nos apresenta abordagens acerca das diversidades existentes na sociedade contemporânea, como por exemplo, diversidade sexual e diversidade de gênero, corpos, raças e etnias, implicando no reconhecimento de que as diversidades estão interligadas com as diferenças e particularidades de cada sujeito. Nesse sentido a música apresentada torna-se um potente artefato cultural para desencadear debates e reflexões sobre estas temáticas.

Por fim a análise do videoclipe da música “Filhos do Arco-Íris”, de autoria de Rick Bonadio e composta por Nizan Guanaes, cantada por diversas vozes Brasileiras como: Preta Gil, Pablo Vittar, Daniela Mercury, Fafá de BÉlem, Sandy, Carlinhos Brown, Paulo Miklos, Luiza Possi, Di Ferrero, Glória Groove, Kell Smith e Alice Caymmi, produzia em 2017 para celebrar o mês do Orgulho LGBT (Lésbica, gay, Bissexual, travestis e

Transsexuais) em prol dos direitos desta comunidade, mostra as múltiplas formas de cada sujeito manifestar suas afetividades e desejos por quem se sente atraído, ou seja, formas de como o sujeito manifesto sua identidade e sua forma de amar.

Iniciamos as análises destacando os excertos presentes na letra da música “De toda cor” extraída do site: <https://www.letras.mus.br/renato-luciano/de-toda-cor/>. Após a pesquisa da letra, foi feito um “recorta e cola” e lançado no programa de computador *word* 2016, procuramos destacar os excertos que possibilitam abrir debates acerca de diversidade sexual e diversidade de gênero ao Ensino de Ciências como também imagens apresentadas ao longo do vídeo clipe que melhor representam essas diversidades.

Para análise da música “Filhos do Arco-Íris” foi necessário maior atenção ao conteúdo visual presente em seu vídeo clipe, principalmente as imagens que faziam de forma direta representações as relações homo afetivas, a sujeitos com diferentes identidades sexuais e gênero inserido na sociedade, como também suas características e marcadores de gênero. A cada imagem escolhida para análise foi feito *prints* (captura) fotográfica da tela de um smartphone, anexado no corpo do trabalho.

4. Análise dos artefatos - “De toda cor” (Renato Luciano), “Filhos do Arco-Íris” (Rick Bonadio).

Inicialmente destacamos excerto “*Passarinho de toda cor, gente de toda cor*” e o excerto “*Amarelo rosa e azul*” presentes na letra da música “De toda Cor”. Pode-se perceber que o autor retrata simbolicamente o conceito diversidade, um conjunto de diferenças, particularidades e identidades existentes no sujeito inserido na sociedade, implicando em sexualidade, gênero, raça, corpos, culturas e etnias, diferenças de um sujeito e outro. No decorrer do vídeo clipe “De Toda Cor”, o autor nos mostra os diferentes sujeitos inseridos na sociedade, seus traços biológicos, masculinidades, feminilidades, identidades e particularidades diferentes entre um sujeito e outro.

A partir deste conceito podemos também tecer algumas discussões a respeito de diversidade sexual e de gênero.

No excerto em destaque “*Amarelo, rosa e azul*”, e na figura a seguir número 01 presentes no vídeo clipe da música “De toda Cor”, o autor refere-se à ocorrência dos marcadores de gênero masculino e feminino, sendo estes, representações de gêneros construídos culturalmente pela sociedade, basicamente acessórios e marcadores sociais como roupas, sapatos e adereções que informam a identidade de gênero deste sujeito.

Figura 01: Marcador de Gênero



Fonte: Vídeo Clipe “De toda Cor” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FTU5NYUxZ14>

Na figura 01 pode-se observar um homem que o pesquisador Yuri Duarte acredita ser do gênero não binário sua identidade de gênero não está apenas relacionada ao gênero masculino e feminino, mas sim com ambos os gêneros, onde faz uso de marcadores ligado ao feminino, no caso o batom. No entanto estes marcadores vem sendo é atribuído ao gênero feminino, desde muito cedo a sociedade vem posicionando normas e atribuições ao gênero dos sujeitos, onde “cria-se expectativas a respeito do comportamento considerado apropriado aos homens e às mulheres, o que relaciona as identidades de gênero às identidades sexuais”. (LONGARAY, 2010, p. 02). A imagem 01 nos possibilita abrir discussões em sala de aula com objetivo de mostrarmos as múltiplas formas do sujeito viver cada gênero, que esses marcadores impressões em seus corpos podem ser expressados de diferentes formas independentemente do gênero.

No entanto estamos equivocados(as) ao dizermos que o gênero do sujeito e suas afetividades são determinados pelos órgãos genitais, ao contrário do que é instituído socialmente, que o nascimento de uma criança com órgão genital masculino que futuramente essa criança será um sujeito que terá suas afetividades e desejos sexuais condicionalmente voltados a outro sujeito do sexo biológico oposto, esta é uma maneira errada de atribuir a identidade sexual do sujeito a um órgão genital.

Conforme Guacira Louro (2008, p.18), a construção da identidade de gênero do sujeito “[...] dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinuada nas mais distintas situações, é apreendido de modo explícito ou dissimulado por um conjunto

inesgotável de instâncias sociais e culturais”, sendo estes fatores responsáveis pela construção da identidade de gênero dos sujeitos.

Em concordância com Guacira Louro (2008) destacamos as figuras 02 – (A) e 03 – (B) extraídas da música “De toda Cor” e a figura 04 – (C) retirada do vídeo clipe “Filhos do Arco-Íris.

Figura 02: Construções de Gênero (A)



Figura 03: Construções de Gênero (B)



Fonte: Vídeo Clipe “De toda Cor” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FTU5NYUxZ14>

Figura 04: Construção de Gênero (C)



Fonte: Vídeo Clipe “Filhos do Arco-íris” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K7CzgQtsPz4>

A cerca da construção de identidade de gênero dos sujeitos, as figuras a seguir 02, 03 e 04 nos mostram que as identidades de gêneros são construídas socialmente, a partir de escolhas de vestimentas e acessórios, cortes de cabelo entre outros que nos permitem construir nosso próprio gênero a partir de ações repetitivas cotidianamente.

Guacira Louro, destaca ainda a necessidade de:

Demonstrar que não são propriamente as características, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. (LOURO, 2013, p. 25)

Por esse entendimento, a sala de aula por ser um ambiente de formação de cidadãos/dãs/dães diversificados é palco favorável para ampliação de discussões. Desta forma, se faz necessário problematizações e questionamentos aos/as/es alunos/as/es. “O que entendem sobre o que é ser homem, mulher, menino ou menina? ”, possibilitando que com que os/as/es estudantes reflitam as relações de gênero entre diferentes sujeitos, entendam que ao longo de suas vivências assumimos nossas identidades, como sujeito masculino ou feminino (LOURO, 2013).

Por este viés é fundamental que essas discussões estejam envolvidas ao ensino de Ciências, não somente em discursos biologistas de que o gênero do sujeito está unido e interligado ao órgão genital e sexo biológico.

Leandro Coelho (2014, p. 35) discorre que o “Ensino de Ciências ainda se baseia em informações reducionistas biológicas, que ignoram influências e relações com aspectos sociais, momentos históricos, mudanças políticas e interesses dominantes”, pois ainda as discussões de gênero e sexualidade vem sendo irrelevantes e omitidas nos aspectos socioculturais e históricos. Desta forma “o ensino acabará por contribuir para a (re) produção do heterossexismo” (COELHO, 2014, p. 35), preconceito contra com identidade gênero contrária as normas determinadas pela sociedade.

No entanto, “os sujeitos que fogem do padrão histórico, cultural, social e das permissividades atribuídas a cada gênero passam por constrangimentos e tornam-se alvo de vigilância” (LONGARAY, 2010, p. 02) em muitos casos, tornam-se vítimas de violências físicas, verbais discriminatórias e reféns de discursos de ódio promotores de incentivo ao desrespeito ao próximo por apenas terem suas identidades sexuais de gênero contrárias aquelas padronizadas pela sociedade contemporânea.

Contudo, para que possamos percorrer as discussões sobre as diferentes sexualidades, destacamos os excertos; “*No mundo tem tantas cores, São tantos sabores*” presentes na música “De toda Cor”, ambos os excertos remetem significados as diferenças especificamente as sexualidades e afetividades dos sujeitos, sejam eles heterossexuais, homossexuais e bissexuais. Assim, podemos utilizar esses excertos em sala de aula para tecermos entendimentos com os/as/es alunos/as/es sobre diversidade sexual com respaldo as múltiplas formas do ser humano relacionar-se sexualmente com o próximo, seja sujeito com sexo biológico oposto ou do sexo biológico contrário.

Atualmente, temos como referência padrão de sexualidade resultante das concepções socioculturais a Heterossexualidade, termo usado para designar sujeitos que possuem suas afetividades e desejos voltados a sujeitos do sexo oposto, neste sentido a

Heterossexualidade é tida como a única forma do sujeito manifestar suas afetividades, “natural e legítima de expressar os desejos e prazeres”, (LONGARAY, 2010, p. 02), no entanto temos como outras formas do sujeito manifestar sua sexualidade, como a Homossexualidade e Bissexualidade, termos usados para designar sujeitos que possuem afetividades e desejos por pessoas do mesmo sexo ou ambos os sexos, tida culturalmente como forma “anormal” de expressão as afetividades na sociedade.

Comumente as diferenças entre esses termos e entendimentos pela sociedade como forma “normal” e “anormal” de se relacionar afetivamente pelo próximo implica-se a abominação da homossexualidade, ou seja, atualmente “homofobia”, entendimentos ao senso comum, a diferença de sexualidade interliga-se as construções e significados sociais ao gênero, masculinidades e feminilidades no que configura masculino ou feminino a partir de comportamentos afetivos e sexuais dos sujeitos.

Guacira Louro (2009) esclarece:

[...] o quanto é comum atribuir a um homem homossexual a qualificação de “mulherzinha” ou supor que uma mulher lésbica seja uma mulher-macho. A transgressão da norma heterossexual não afeta apenas a identidade sexual do sujeito, mas é muitas vezes representada como uma “perda” do seu gênero “original”. (p. 91)

Assim como na Sociedade, a escola é um dos lugares que evidenciam estes tipos de atribuição a sujeitos homossexuais, pois nela refletem características de uma sociedade padronizada, com representações de sujeitos heterossexuais, construídos acerca de opiniões culturalmente formadas de que o diferente é “estranho e anormal”, vez que a heterossexualidade por viés social está relacionado à masculinidade, pensamentos estes que atribuem sujeitos homossexuais ao feminino e minimizam de que o feminino também se atribui a heterossexualidade.

Dinis e Asinelli-Luz (2007, p. 06) salientam que é preciso que o ensino de Ciências apresente:

Um leque de conhecimentos para que a sexualidade seja compreendida com um aspecto predominantemente histórico-cultural, e para que os discursos normativos que regem as construções de nossas imagens do masculino e do feminino, bem como as diversas imagens de ter prazer com o próprio corpo e/ ou com o corpo do/a outro/a sejam desconstruídos, permitindo novas vivências acerca da sexualidade.

Em consequência, construções errôneas como essas influenciam a negação da existência da homossexualidade, um dos principais fatores da existência da homofobia.

A homofobia organiza uma espécie de “vigilância do gênero”, pois a virilidade deve se estruturar não somente em função da negação do feminino, mas também da rejeição à homossexualidade. A homofobia é a estigmatização, por repulsa ou violência, das relações sensíveis entre homens, particularmente quando esses homens são apontados como homossexuais ou se afirmam como tais. É, igualmente, a estigmatização ou negação das relações entre mulheres que não correspondem a uma definição tradicional de feminilidade. Dessa forma, a homofobia geral permite denunciar os desvios e deslizes do masculino em direção ao feminino e viceversa, de tal maneira que se opera uma espécie de atualização constante nos indivíduos, lembrando-os de seu “gênero certo”. (BORRILLO, 2009 *apud* LONGARAY, 2010, p. 03)

Por este viés, podemos usar o excerto “*me aceita como eu sou*”, para desmitificarmos concepções acerca das sexualidades e afetividades dos sujeitos. Guacira Louro (2007) nos mostra que as identidades dos sujeitos são frutos de relações e construções sociais e históricas que implicam em características e aperfeiçoamento de sua identidade, masculina ou feminina, produzidas a partir de realidades socioculturais.

Nas figuras 05 – (A) e 06 – (B) presentes no vídeo clipe da música “Filhos do Arco-Íris” apresentadas a seguir pode-se visualizar significadamente a homoafetividade entre dois sujeitos homens e duas mulheres, podemos observar traços de masculinidades presentes nos homens, como por exemplo, a barba e marcadores de gêneros como a vestimenta de caráter masculino onde contribui para identificarmos a qual gênero os sujeitos se identificam e nas mulheres traços de feminilidades como cabelos longos e marcadores de gênero como maquiagem e brincos.

Figura 05: Identidade Sexual (A)



Figura 06: Identidade sexual (B)



Fonte: Vídeo Clipe “Filhos do Arco-íris” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K7CzgQtsPz4>

Desta forma é possível perceber que as identidades sexuais também se configuram em construções que se estabelecem e se mantem na sociedade, em suas vivencias, culturas que dizem respeito às suas identidades e diferentes formas de expressar os prazeres, afetividades e os desejos corporais, tanto entre sujeitos heterossexuais,

homossexuais e bissexuais, conforme Guacira Louro (2000, p. 09), “as possibilidades da sexualidade, das formas de expressar os desejos e prazeres, também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas”.

Com relação a identidade sexual e afetividades, Guacira Louro afirma:

Que essas construções se estabelecem e se codificam na sociedade, na história e na cultura e que dizem respeito às diferentes formas de expressar os prazeres e os desejos corporais, que podem ser tanto com parceiros do sexo oposto (heterossexuais), quanto com parceiros do mesmo sexo (homossexuais), ou até mesmo de ambos os sexos (bissexuais). (LOURO, 2007 *apud* LONGARAY, 2010, p. 01)

Deste modo, vemos a necessidade de/das/dos professores/as construir diálogos e discussões que desafiam a Heterossexualidade como sexualidade padrão e original do ser humano que legitimam as concepções do senso comum, “gênero e sexualidade original”.

Por fim, destacamos que falta de diálogos e discussões sobre diversidade sexual e de diversidade gênero no âmbito escolar, no ensino de Ciências e em outras áreas de ensino, fortalecem ainda mais o preconceito, discriminação e ódio contrassujeitos homossexuais e qualquer outro com identidade sexual e de gênero que se sobressaem as normas estipulas pela sociedade contemporânea.

5. Conclusão

A preocupação em encontrar novos meios para ilustrar o conteúdo didático sempre foi uma preocupação do corpo docente, vez que a lousa compete com inúmeros outros recursos mais atrativos aos/as/es alunos/as/es, como internet, tv, jogos e games, neste cenário se mostra interessante demonstrar o quanto o conteúdo didático de Ciências permeia o cotidiano cultural de alunos/as/es.

Deste modo, o uso de músicas popularmente conhecidas se mostra um recurso produtivo ao ensino de Ciências e entre outras áreas de ensino, pois fazem parte de nossa realidade social e do cotidiano.

Assim os artefatos culturais e análises tecidas neste trabalho tornam-se uma potente estratégia ao ensino de Ciências para promoção de debates e reflexões acerca das temáticas de diversidade sexual e diversidade de gênero, os significados da letra da música de “Toda Cor” e imagens presentes no videoclipe e no vídeo clipe da Música “Filhos do Arco-Íris” trazem representações sobre a diversidade sexual e de gênero e dos diferentes sujeitos inseridos na sociedade, podendo ser apresentas aos alunos/as para que possam

perceber a sexualidade e o gênero relacionados a um conjunto de fatores socioculturais e históricos que permeiam seus cotidianos.

6. Referências

AMARAL, C; CASEIRA, F; MAGALHÃES, J. **Artefatos culturais: pensando algumas potencialidades para discussão dos corpos, gêneros e sexualidades**. In: RIBEIRO, Paula R. C.; MAGALHÃES, JOANALIRA, C. (orgs.) **Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade**. Rio Grande, RS, Ed. da FURG, 2017. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/7097>. Acesso em 04 de março de 2021

BONADIO, Rick. **Filhos do Arco-Íris**. São Paulo-SP 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K7CzgQtsPz4>. Acesso em 15 de Março de 2021.

BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm#:~:text=III%20%2D%20e%20radicar%20a%20pobreza%20e,quaisquer%20outras%20formas%20de%20discrimina%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 12 de Março de 2021

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996**. BRASIL. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm#:~:text=3%C2%BA%20O%20ensino%20ser%C3%A1%20ministrado,a%20arte%20e%20o%20saber%3B&text=XI%20%2D%20vncula%C3%A7%C3%A3o%20entre%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o,trabalho%20e%20as%20pr%C3%A1ticas%20sociais. Acesso em: 12 de Março de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Regra Geral. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/ciencias>. Acesso em 13 de Março de 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, p. 20. 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>. Acesso em 04 de Março de 2021.

CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 4 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

COELHO, Leandro Jorge. **Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos**. Bauro-SP: Programa de pós-graduação em educação para a ciência. Universidade estadual paulista. “Julio de Mesquita Filho”. 2015, p. 35.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. Número Especial – Cultura, Culturas e Educação. 2003, p. 56.

DINIS, N. F. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. **Educ. Soc.** vol. 29, n. 103, 2008, p. 477-492.

JÚNIOR, Josué Barreto da Silva. Diversidade sexual e bullying na escola: desafios e possibilidades. **Revista Educação Pública**, 2015, p.04. Disponível em <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/15/23/diversidade-sexual-e-bullying-na-escola-desafios-e-possibilidades>. Acesso em 14 de Fevereiro de 2021

LONGARAY, Deise Azevedo. Discutindo a relação entre os marcadores sociais de Gênero e a homossexualidade. **Anais Seminário Fazendo Gênero: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**. 2010, p. 01 -09.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**. Portugal: Porto Editora, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2009. p. 85-93.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LUCIANO, Renato. **De Toda Cor**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FTU5NYUxZ14>. Acesso em 15 de Março de 2021

LUZ, N.S; CARVALHO, M.; CASAGRANDE. S. **Construindo a igualdade na diversidade: gênero e sexualidade na escola**. Curitiba: UTFPR, 2009.

MACHADO. da Silva Kenne, Lisiane. **Artefatos culturais e sua importância para o ensino de ciências**. Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Brasil, 2015, p. 03-05. Disponível em: <https://cienciasuab.furg.br/sobre-o-curso/tcc.html>. Acesso em 12 de Março de 2021.

MAGALHÃES. Corpes, Joanalira. **Gênero e ciência: analisando alguns artefatos culturais**. Instituto (de Educação na Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Brasil, 2017, p. 172). Disponível em: <file:///C:/Users/POSITIVO/Downloads/Dialnet-GeneroECienciaAnalizandoAlgunsArtefatosCulturais-6499911.pdf>. Acesso em: 09 de Março de 2021.

OLIVEIRA, Luiciana Rodrigues. MAGALHÃES, Joanalira Corpes. **Esse é o Show da Luna: Investigando gênero, ensino de ciência e pedagogias culturais**. Domínios da imagem, v. 11n.20. 2017, p. 101.

QUADRADO, Raquel Pereira, STEIN, Fabiana Loréa Paganini. **Músicas, videoclipes e programas televisivos como artefatos culturais potentes no ensino de Ciências**. Furg, Rio Grande do Sul, 2019, p. 01.

REIS, Juliana Fernandes Silva dos. **A importância das discussões de gênero e sexualidade no ambiente escolar**. Petdogia UFBA, 2016. Disponível em <http://petpedagogia.ufba.br/importancia-das-discussoes-de-genero-e-sexualidade-no-ambiente-escolar>. Acesso em 16 de Fevereiro de 2021.

SEFFNER, Fernando. **Sempre atrás de um buraco tem um olho: racionalidade neoliberal, autoritarismo fundamentalista, gênero e sexualidade na Educação Básica.** Práxis educativa. Ponta Grossa, v.15, p. 12. 2020.



Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Instituto de Matemática, Estatística e Física Curso de
Licenciatura em Ciências



Av. Itália km 8 Bairro Carreiros
Rio Grande-RS CEP: 96.203-900 Fone (53)3293.5411
e-mail: imef@furg.br Sítio: <https://cienciasuab.furg.br/>

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

No sétimo dia do mês de maio de 2021 foi realizado um parecer analisando o vídeo da defesa do Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Yuri Duarte de Araujo** intitulado **MÚSICA: UM POTENTE ARTEFATO CULTURAL E PEDAGÓGICO PARA A PROMOÇÃO DAS DISCUSSÕES SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO NO ENSINO DE CIÊNCIAS**, sob orientação da Profa. Dra. **Joanalira Corpes Magalhães** do instituto **Instituto de Educação** e coorientadora **Fabiani Caseira**. A banca avaliadora foi composta pelo Profa. Dra. Narjara Garcia e pela Profa. Caroline Amaral. O candidato foi: (X) aprovada por unanimidade; () aprovada somente após satisfazer as exigências que constam na folha de modificações, no prazo fixado pela banca; () reprovada. Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata, que é abaixo assinada pelos membros da banca, na ordem acima relacionada.

Profa. Dra. **Joanalira Corpes Magalhães**

Orientadora

Profa.

Fabiani Caseira Coorientadora

Profa. Dra. **Narjara Garcia** Membro da
Banca



Universidade Federal do Rio Grande
Instituto de Matemática, Estatística e Física
Curso de Licenciatura em Ciências



Av. Itália km 8 Bairro
Rio RS CEP: Fone
mail: <https://cienciasuab.furg.>

Caroline Amaral

Caroline Amaral
Membro da Banca

